

ESPÍRITO DE VIGILÂNCIA

RAUL PILLA

A MEU VER, a mais exata apreciação da reunião do Ministério e da nota por ele emitida foi a do sr. Afonso Arinos. A nota — disse o eminente líder da União Democrática Nacional — é lacunosa e incompleta. Poderia ter-se limitado «a uma simples declaração sôbre a política sindical do govêrno e a extensão que êste entende dar à ação dos sindicatos sôbre as fôrças políticas». Entretanto, esta simples declaração não veio. Não veio, nem poderia vir sem evidente contradição com reiteradas manifestações anteriores e, sobretudo, sem contrariar o pensamento profundo do sr. presidente da República. Para evitar o essencial, alongou-se a nota oficial no acessório. Disse o que ninguém lhe pedia e calou o que a todos mais importava.

Verdade é que a muitos parece ter satisfeito a advertência final «aos provocadores de desordens, aos fomentadores de animosidades de classes e aos pregadores de violências para que cessem as suas atividades nocivas ante os interêsses nacionais». Esta advertência é, porém, calculadamente ambígua e, menos que a ninguém, se dirige aos membros do govêrno que têm notadamente provocado a inquietação nacional. Leia-se a imprensa oficiosa: nos círculos da oposição é que se encontram os pregadores de violências, os provocadores de desordens...

Contudo, se a nota por si mesma pouco diz do que se desejaria ouvir, bastante significativos são alguns fatos concomitantes. A onda sindicalista, que tudo ameaçava levar por diante, parece haver-se desfeito, sem causar maiores danos. O discurso revolucionário do sr. João Goulart foi substituído por uma oração simplesmente protocolar. O rio que parecia transbordar, voltou ao seu álveo. Consequência da reunião ministerial? Não, pois também esta foi uma consequência. Decorrência, isto sim, do espírito de vigilância daqueles a quem especificamente incumbe vigiar e não podem descuidar-se na sua vigilância, sem ensejar as mais graves consequências.